

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**NATACHA MARCASSA MIYAZAKI**

**A GUERRA AO TERROR E A AL-QAEDA: COMO O FINANCIAMENTO AO  
CONTRATERRORISMO CONTRIBUIU PARA O CRESCIMENTO DO GRUPO  
APÓS 11 DE SETEMBRO DE 2001**

São Paulo

2022

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem por objetivo analisar as mudanças internas e de atuação da Al-Qaeda após o ataque realizado pelo grupo em 11 de setembro de 2001, data que marca o primeiro ataque externo em solo norte americano, mudando os rumos da política dos Estados Unidos com o início da chamada Guerra ao Terror.

A pesquisa parte do fato de que o ataque desestabilizou a segurança nacional do país. Porém, se apoia no conhecimento histórico de interferência e imposição de culturas do Ocidente no continente do Oriente Médio, resultando em anos de opressão, instigando o desenvolvimento local de uma ideologia antiocidental, que sustenta e ajuda a fomentar as bases ideológicas dos grupos insurgentes tratados na pesquisa, tendo como foco principal o grupo afegão, Al-Qaeda.

A Al-Qaeda não apenas sobrevive e atua até hoje, mas também desenvolveu uma série de mudanças internas estruturais, permitindo seu fortalecimento enquanto grupo, com estratégias de ações e resistência mais avançadas - evidenciando a falta de eficácia no objetivo do governo norte americano em destruir o inimigo definido desde 2001.

**Palavras-chave:** Al-Qaeda; contraterrorismo; terrorismo.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. AL-QAEDA ANTES DE 11 DE SETEMBRO DE 2001.....	4
2.1 SURGIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DA AL-QAEDA.....	4
2.2 AL-QAEDA: IDEOLOGIA E ESTRUTURA DE ORGANIZAÇÃO.....	8
3. A GUERRA AO TERROR E A SOBREVIVÊNCIA DA AL-QAEDA.....	12
3.1 11 DE SETEMBRO DE 2001: OBJETIVOS, PLANEJAMENTO E REAÇÕES.....	12
3.2 MUDANÇAS ESTRUTURAIS E A SOBREVIVÊNCIA DA AL-QAEDA APÓS 11 DE SETEMBRO DE 2001.....	16
4. CONCLUSÃO.....	20
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	22

## 1. INTRODUÇÃO

O ataque da Al-Qaeda em solo norte-americano alterou a agenda internacional e define a chamada Guerra ao Terror. Os esforços pelo até então presidente norte-americano, George W. Bush, em mobilizar a sociedade internacional contra um inimigo, o qual não se sabe, até hoje, identificar com clareza – os terroristas – ecoaram fortemente após seu discurso que declarava guerra ao terrorismo e a qualquer nação que não apoiasse seu lado em sua nova guerra. (COSTA e WUNDER, 2011).

É também, a partir dessa data que o grupo insurgente começa a sentir diretamente os efeitos das políticas de contraterrorismo implementadas pelo governo norte americano a partir no anúncio da Guerra ao Terror, além da mobilização internacional feita pelos Estados Unidos em convocar aliados na batalha contra os grupos considerados terroristas. (COSTA e WUNDER, 2011)

Desde 2001, o contraterrorismo ocupa um importante lugar na agenda política norte americana, assim como seu financiamento, resultando em um montante de quase 8 trilhões de dólares de 2001 a 2020, destinados ao combate ao terrorismo. (BROWN UNIVERSITY, 2020).

Ao desencontro dos resultados esperados por parte do governo norte americano a partir da implementação de políticas antiterrorista, o número de grupos extremistas de inspiração islâmica que praticam o terrorismo, segundo as considerações dos governos ocidentais, cresceu em quantidades significativas. Nos anos 2000, considerava-se a existência de 29 organizações terroristas estrangeiras, esse número sobre para 58 após quinze anos da mesma análise (THRALL e GOEPNER, 2017).

A pesquisa parte do fato de que os Estados Unidos vêm, desde 2001, financiando a Guerra ao Terror, porém, após anos de uma guerra travada sem precedentes no objetivo final norte americano de destruição do grupo afegão, considera-se que houve uma falha do contraterrorismo norte americano e das estratégias políticas utilizadas para tal.

Ao encontro do não cumprimento desse objetivo, os grupos considerados terroristas passaram por mudanças estruturais e principalmente, em sua forma de atuação, de tal modo que permite a sua sobrevivência até hoje. Além disso, o crescimento da rede de grupos terroristas com ideologias interligadas cresce após 2001, mantendo viva as

ideologias de grupos maiores, como a Al-Qaeda, que será detalhada nesta pesquisa. (HOFFMAN, 2021)

A falta de êxito por parte dos Estados Unidos no combate contra a Al-Qaeda será discutida a partir da crítica ao planejamento e condução de suas políticas antiterroristas. As políticas de Bush não conseguiram eliminar a atuação do grupo, e ainda, promoveram de mudanças internas na entidade, na tentativa de sobrevivência da campanha terrorista. (COSTA e WUNDER, 2011)

A Al-Qaeda foi capaz de se desmaterializar, se tornando também uma ideologia, com uma rede transacional influência refletida em grupos ativistas de menor porte, a partir do conceito criado pelo grupo do antigo líder Osama Bin Laden. A construção de uma campanha terrorista jihadista impediu o apagamento da ideologia e dos atos propostos, de início pela Al-Qaeda. (JENKINS, 2011)

A pesquisa será dividida em duas seções: a Al-Qaeda antes de 11 de setembro de 2001 e a Al-Qaeda após a mesma data. Toma-se como marco temporal o ataque de 11 de setembro de 2001 para dividir as análises comportamentais e de perfil do grupo afegão devido a mudança na agenda internacional no combate ao terrorismo após o acontecimento em questão.

Para a construção da tese, toma-se como base a compreensão das bibliografias selecionadas, de forma a serem utilizadas como complementares, comparativas ou como crítica analítica. Enriquecendo o material de fundamento, foram selecionados documentos originais do Departamento de Estado norte americano, no objetivo de analisar diretamente as intenções do governo na execução das políticas contraterroristas.

## **2. AL QAEDA ANTES DE 11 DE SETEMBRO DE 2001**

### **2.1 SURGIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DA AL QAEDA**

O contraterrorismo, ou a Guerra ao Terror, como conhecemos nos estudos políticos, aparece como movimento de resposta e combate a um inimigo pré-estabelecido, designado como terrorismo e os terroristas em si. Mesmo aparecendo como um movimento em resposta a um movimento anterior, é válido debater a lógica inversa e questionar a influência na interferência das potências militares no surgimento, crescimento a ascensão de grupos extremistas, em um foco especial na Al-Qaeda.

A Al-Qaeda, grupo internacionalmente conhecido, foi o responsável pelo famoso ataque nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001. Evento que marcou o início do aumento do contraterrorismo nas políticas norte americanas, no objetivo de destruição do terrorismo como inimigo.

Com a finalidade de compreender essa dinâmica, faz-se necessário entender os antecedentes históricos e a origem dessa organização. Estudiosos da área como Federico Costa e Rodrigo Wunder, e Michael W. S. Ryan fazem o resgate que proponho as origens de surgimento da Al-Qaeda para compreender sua posição atual no cenário internacional. Não suficiente, fazem tal estudo no objetivo de se dissociarem do senso comum político da irracionalidade de atuação dos grupos considerados terroristas. (COSTA e WUNDER, 2011; RYAN, 2017).

Nos estudos políticos, qualquer forma de violência no contexto doméstico ou internacional é estudada a partir de sua motivação, nesse sentido, Michael W. S. Ryan escreve acerca de uma premissa básica de entendimento dos praticantes do terrorismo e pertencentes a Al-Qaeda, que seria uma forma de resposta aos anos de humilhação feitas pelo Ocidente, imposta no Oriente Médio, mediante a imposições de religião, cultura, ideologias e forças militares (RYAN, 2017)

A Al-Qaeda surge em meio a Guerra do Afeganistão, em 1979, com um movimento contra a invasão soviética no país, entretanto, este não é o grupo insurgente pioneiro na história do Afeganistão em uma luta antiocidental. Seus precedentes se encontram antes do conflito no Afeganistão conforme datado, a relação de imposição política, ideológica e econômica na região aparece desde a dominação direta britânica, que se perdura até a independência afegã em 1919. Pela localidade geográfica do país entre o Oriente Próximo e a Índia, a região aparece historicamente como um território de disputa por interesses de nações belicamente mais poderosas.

A União Soviética inicia suas relações com o Afeganistão logo após 1919, sendo o primeiro Estado a reconhecer a independência afegã, paralelamente já conquistando forte influência na região. O comunismo cresce e ganha força entre a população, e após a morte de Akbar Khayberm líder comunista afegão e redator jornalístico, a população fortalece suas manifestações com o até então, atual governo Afeganistão, e eclodem movimentos contra o Primeiro Ministro, Mohammed Daoud, que responde as agitações populares com medidas violentas, gerando um conflito interno no país. A morte do Primeiro Ministro por ações comunistas populares é um marco histórico de que a população afegã já resguardava um sentimento de insatisfação com o antigo governo, fato

que se consolida com o golpe de Estado realizado pelas forças políticas comunistas e a proclamação da República Democrática do Afeganistão em 1978. (CUNHA, 2020)

No ano seguinte, o governo soviético, por receio a suposta perda de influência na região, dá início a uma massiva e violenta invasão no território do Afeganistão, missão militar que contou com cerca de 70.000 homens do exército soviético, para fim de disputa com forças civis afegãs opositoras ao poder instaurado. As tropas afegãs compostas pelo grupo de jovens militares jihadistas, envolvendo o Partido Islâmico do Afeganistão e a Sociedade Islâmica, e liderados pelo presidente afegão Amin, compunham os chamados Mujahedins. (CUNHA, 2020)

Os Mujahedins aparecem historicamente como grupo insurgente combatente contra a presença soviética no território afegão. A ligação desse grupo com demais organizações revolucionárias posteriores se inicia pela inovação no modelo de combate em um conflito o qual tropas soviéticas em grande volume expressivo, com preparação bélica e de treinamento muito acima dos combatentes afegãos. Nesse contexto os Mujahedins, na busca de resistência militar, fazem o uso de estratégias que posteriormente são também, acatadas por grupos insurgentes combatentes, como a Al-Qaeda, como o caso do uso do terrorismo suicida. (CUNHA, 2020)

Por outro lado, a relação norte americana com o conflito afegão se inicia pelo apoio bélico e econômico que os Estados Unidos fornecem aos combatentes Mujahedins, no objetivo de expulsão soviética, dado também o contexto de Guerra Fria e embate indireto entre a União Soviética e os Estados Unidos. Pode-se dizer que este é o ponto inicial determinante que dá ao grupo insurgente, razões suficientes para a busca de um combate contra a potência americana. A Guerra do Afeganistão se arrasta durante dez anos após a retirada das tropas soviéticas, um conflito muito motivado e sustentado pelas duas maiores potências do mundo. Na época, o conflito deixa o Afeganistão como um Estado com enorme perda material, humanitária e econômica, além de deixar um pequeno vácuo de poder, aproveitado por líderes dos Mujahedins, na oportunidade de instauração de seu próprio poder, consolidado pela tomada de poder do Talibã em 1996. (CUNHA, 2020)

Em aproximação a tese e objetivo de estudo da presente pesquisa, o contexto histórico de atuação dos Mujahedins no Afeganistão possibilita o entendimento da aparição de Osama Bin Laden, líder e fundador da organização islâmica Al-Qaeda. (CINHA, 2020)

Bin Laden foi membro e combatente dos Mujahedins durante a Guerra do Afeganistão e atuou diretamente no combate contra as tropas soviéticas, logo após o fim do conflito, retorna ao seu país de origem, Arábia Saudita, e após seu refúgio no Sudão por oposição à presença norte americana no país, retorna para o Afeganistão após sucessivas tentativas de fuga das perseguições ocidentais.

Em conjunto com al-Zawahiri, Osama Bin Laden funda a Al-Qaeda em 1988, ano em que a União Soviética retira suas tropas do território afegão. Com objetivos e alvos muito bem estabelecidos até mesmo antes de sua criação, a organização cumpre sua própria lógica de combater o inimigo, que seria o principal impedimento de seu propósito original, ao direcionar seus ataques contra as forças norte americanas. O primeiro ataque organizado pelo grupo foi após dez anos de seu surgimento, com o bombardeio de bases dos Estados Unidos na Tanzânia e Quênia, em meio a tal contexto, um dos objetivos do grupo era a construção de uma relação dos militares afegãos com terroristas do mundo todo, como uma “oficina de serviços” militares. (MEDERO, 2009)

Sua instauração em território afegão é viabilizada apenas pelo refúgio concedido à ele pelo regime do Talibã, que conscientemente opta por não ceder às pressões norte americanas de entrega de Bin Laden como uma possível ameaça revolucionária. É em território afegão, então, que o líder da Al-Qaeda inicia seus movimentos de estruturação de um grupo insurgente que desde o início tinha como um de seus diferenciais a construção de uma rede jihadista global, além de seu resgate religioso a uma vertente islâmica salafista. (CUNHA, 2020).

Mesmo dentro da religião islâmica, a ideologia religiosa não é um consenso. Existe a doutrina salafista, ideologia que defende a volta das origens do Islã, isto é, a forma mais pura e reformista do Islã. Mesmo dentro do salafismo há divergências, assim como qualquer ideologia, e é de extrema importância para compreensão da tese, diferenciar a maioria salafista e os salafistas revolucionários, estes que, dentro da ideologia, ainda a colocam numa posição radicalizada, a qual entende que até mesmo os salafistas não radicalizados seriam inimigos por ameaça a ideologia revolucionária proposta. Nesse contexto, os membros que deram origem ao núcleo fundador da Al-Qaeda se encontravam na ponta mais radicalizada do movimento extremista salafista (RYAN, 2017)

## 2.2 AL QAEDA: IDEOLOGIA E ESTRUTURA DE ORGANIZAÇÃO

A partir desse sentimento comum revolucionário, encontra-se uma ideologia mútua entre poucos indivíduos que partilhavam do desejo de expandir o projeto de implantação do salafismo revolucionário, pelo entendimento de Michael W. S. Ryan. Contudo, a análise histórica nos permite compreender que, o movimento revolucionário salafista não teria o resultado de crescimento que obteve, se não fosse por crenças e ideologias fortemente compartilhadas e motivadas pelo mesmo objetivo: a construção de um Estado regido pelo salafismo em sua forma mais radicalizada. Esse movimento foi estruturado apenas a partir do conhecimento e encontro de duas peças-chave da organização islâmica, Osama Bin Laden e Ayman Al-Zawahiri. (COSTA e WUNDER, 2011, RYAN, 2017)

Bin Laden e Al-Zawahiri não foram pioneiros na formulação ideológica de uma doutrina revolucionária salafista. No Egito, o salafismo revolucionário era sustentado principalmente por Sayyid Qutb, revolucionário que se junta a um dos primeiros grupos que carregavam o manifesto contra qualquer forma não original do jihad, a Irmandade Muçulmana. Os fundadores da Al-Qaeda carregaram a ideologia do ativista egípcio na estruturação da ideologia do grupo, e ainda se aproveitam de erros cometidos pelos grupos egípcios, para desenharem estratégias e formas de atuação da nova organização. (RYAN, 2017)

Os dirigentes da Al-Qaeda adicionaram ainda, o caráter de maior violência ao grupo que estava sendo formado, a partir do entendimento de que grupos anteriores, como a Irmandade Muçulmana, não desempenhavam como esperado pela falta do caráter de violência em suas ações. O radicalismo salafista da Al-Qaeda seria o radicalismo egípcio moldado e desenvolvido. (RYAN, 2017)

A violência definida como característica básica da Al-Qaeda, ao que muito parece para políticos ocidentais como ilógica e irracional, apresenta um cunho histórico e lógico para os formuladores da ideologia, em detrimento do cumprimento de seu objetivo enquanto grupo de estabelecimento de uma base ideológica salafista em seu modo radicalizado - seria uma compreensão do Islã em seu formato mais original. Entretanto, faz-se importante ressaltar que a ideologia e o propósito da criação de uma rede jihadista global nasce diante a sucessivos momentos da história em que o Ocidente esteve presente em territórios do Oriente Médio, não apenas impondo um controle econômico, político e

cultural, mas também na contínua tentativa de manter a influência ocidental no continente, especialmente por parte dos Estados Unidos.

Ao encontro do entendimento da presente pesquisa de que, o surgimento de tais movimentos radicalizados seriam parte de uma resposta a anos de opressão do Ocidente, imposta no Oriente Médio, Michael W. S. Ryan sustenta o pensamento de que os líderes da Al-Qaeda entendiam as forças norte americanas em território árabe como a forma mais perigosa e de alto potencial de impedimento ao sucesso de seu objetivo na proliferação da ideologia revolucionária aos moldes salafistas do Islã. (RYAN, 2017)

As hostilidades entre o grupo afegão e os Estados Unidos não surgem a partir de uma falta de lógica, como muitos políticos como George W. Bush, utilizam em seus discursos de sustentação do combate ao terrorismo. Como apresentado anteriormente, os desentendimentos se iniciam anos antes do surgimento da própria Al-Qaeda, em contexto de intervenção norte americana no conflito soviético-afegão. (STAMPNITZKI, 2013).

Por análise, a compreensão das razões que levarão o início dessas hostilidades se faz extremamente importante para a avaliação do discurso ocidental do combate ao terror, que coloca os grupos extremistas em uma esfera de irracionalidade em suas ações e objetivos. Ainda, por análise histórica, a própria criação da Al-Qaeda é vista pela pesquisa como um reflexo da sucessiva atuação norte americana na Península Árabe, além da imposição ocidentalista, militar e cultural em territórios do Oriente Médio. Missão de cunho salvatório e neoliberalista por parte do governo norte americano traduzida por discursos do próprio ex-presidente, George W. Bush, acerca da responsabilidade em levar liberdade, a partir de suas próprias definições, e para o continente. (TREVOR e ERIK GOEPNER, 2017)

Existe então, uma contradição ao se observar a história e ao entender o terrorismo como uma tática de guerra alternativa que não surge sem propósito e fora de contexto, mas muito impulsionada pelas próprias ações dos Estados ocidentais de intervenção em territórios no Oriente Médio.

A Al-Qaeda desde sua formação, nasce com uma característica peculiar de adaptação diante aos objetivos pré-estabelecidos pelo grupo, característica que seria responsável pelo êxito em sua formação, segundo Gema Sánchez Medero. Característica que permitiu até os tempos atuais, a sobrevivência de uma organização com alto nível de perseguição e combate por parte de uma das maiores potências militares, os Estados Unidos da América. (MEDERO, 2009)

A trajetória de atuação e construção de uma identidade do grupo afegão foi moldada pelos contextos vividos, e muito se deu pela necessidade de encontrar uma forma de sobrevivência da ideologia da organização, assim como formas de manutenção de suas atividades diante da perseguição norte americana. A estrutura e ideologia inicial da Al-Qaeda aparentam ser grandes contribuições para que o grupo se mantivesse ativo até os dias atuais.

O que popularmente fica conhecido como identidade da Al-Qaeda é o resultado de uma construção e de adaptações diante aos cenários vividos, o grupo foi pensado e construído para criar condições necessárias que garantissem a conquista do propósito principal de implantação do salafismo islâmico revolucionário, através da estratégia violenta, preenchendo a lacuna de atuação agressiva dos grupos revolucionários egípcios, segundo o entendimento de Bin Laden e al-Zawahiri. (RYAN, 2017)

Além da forma estratégica da Al-Qaeda, a organização estrutural permitiu a centralização de metas e restringia margens para que a ideologia dos membros fosse difundida. Gema S. Medero fornece grandes contribuições ao estudo na análise do modelo de estrutura hierárquica a qual o grupo era constituído. O alto escalão bem definido e rígido, talvez seja a razão a qual permitiu a expansão do grupo nos anos 2000. A estrutura hierárquica da organização não abria margens para erros de percurso ou falta de alinhamento entre os membros. (MEDERO, 2009)

A Al-Qaeda era dividida em três níveis hierárquicos. A liderança comandada por Osama Bin Laden, e subordinado a ele, o Conselho de Assessores, composto por assessores intimamente ligados ao líder, como Al-Zawahiri, que juntos, dirigiam o rumo da organização e supervisionavam as ações dos departamentos abaixo, e juntamente na constituição do primeiro nível, os seis comitês sendo eles: Comitê Armado, Comitê de Finanças, Comitê Exterior, Comitê de Segurança, Comitê Político e Comitê de Informação e Propaganda – esses departamentos possuíam funções bem definidas em diferentes áreas de atuação, o que garantia uma alta cobertura de preparação organizacional em diferentes sentidos. Os comitês eram formados pelos dirigentes mais capacitados da organização, localizados no Afeganistão, e carregavam a responsabilidade de supervisionar os rumos do grupo. (MEDERO, 2009)

O segundo nível hierárquico era composto por uma rede de células terroristas, divididas pelo mundo todo, tais células realizavam funções além, da guerrilha, propaganda, apoio, recolhimento de fundos também eram atividades essenciais para a manutenção da Al-Qaeda. A hierarquia que constituía o grupo gerava uma dependência

dos níveis mais baixos ao alto escalão, quiser ações de relevância deveriam ter a aprovação do núcleo central e um acompanhamento da preparação e execução das tarefas. (MEDERO, 2009)

Por fim, o terceiro nível hierárquico do grupo, tem-se os sócios da Al-Qaeda, indivíduos isolados e redes menores - figuras que, possuíam capacidade de atuar de forma independente, porém atuavam como uma colaboração à Al-Qaeda, muito impulsionada pela ideologia e pelas experiências dos conflitos armados no Afeganistão. Assim como ocorreu no surgimento da organização afegã, o sentimento anti-ocidental em resposta a interferência e invasões que os países em questão estavam sendo alvo, também estava presente na cooperação desses atores que compunham a nível hierárquico mais baixo do Al-Qaeda, que em suma, eram indivíduos em concordância com a ideologia e forma de atuação do grupo, e se juntavam para atuação, mesmo possuindo capacidade de realizar de forma autônoma. Cabe também, ressaltar a importância da consolidação de uma ideologia sólida e forte para a manutenção do bom funcionamento do grupo. (MEDERO, 2009)

O gasto militar do governo norte americano sempre foi relevante no orçamento do Estado, a partir da análise no *National Defense Budget Estimates For 2000*, documento anual do governo dos Estados Unidos que abre as contas dos gastos direcionados a defesa nacional para o ano seguinte, fica claro o esforço da política estadunidense em manter um alto nível militar. No que se refere as operações militares - caso como a presença do exército no Oriente Médio, durante a Guerra do Golfo em 1991 – em 2000, ano que antecede o ataque nas Torres Gêmeas, o governo norte americano soma um total de aproximadamente 320 bilhões de dólares destinados a custos militares, valor que corresponde a cerca de 3% do PIB do país. (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1999)

O gasto exorbitante e crescente fica mais visível quando é comparado ao crescimento do orçamento de 1999 para 2000, gasto militar que aumentou em mais de 20 bilhões de dólares em apenas um ano de governo. (WORLD BANK, 2022)

Contudo, em análise é possível perceber que, mesmo que as instituições e organizações internacionais que revelam o montante de gasto público do governo norte americano no combate ao terrorismo – como as citadas anteriormente, não há por parte delas, uma movimentação conjunta em levantar um questionamento da lógica desse gasto. Poderíamos então, pensar em uma hipótese de uma possível marginalização ou tentativa

de diminuição do impacto de que questionamentos acerca do gasto público dos Estados Unidos em uma guerra que nunca foi vencida.

A tese de falha estadunidense no objetivo de contenção do terrorismo, sustentada por inúmeros autores e estudiosos, como Bruce Hoffman e Brian Michael Jenkins, Michael Ryan, Lisa Stampnitzky e Trevor e Erik Goepner, se apoia no gasto injustificável de verbas públicas dos Estados Unidos até mesmo em períodos que antecedem ao ataque de 2001, que supostamente seria o gatilho e a justificativa para o início da Guerra ao Terror a partir de 2001.

O discurso político do governo de Bush de que o objetivo do contraterrorismo e do financiamento da Guerra ao Terror seria uma resposta a uma disputa iniciada pelas partes afegãs – a Al-Qaeda – não é capaz de justificar o empenho norte americano em operações militares já em curso antes da movimentação dos grupos terroristas. Importante salientar que, o gasto militar dos Estados Unidos no Afeganistão, que no início de 2001 se somava em 10 milhões de dólares, apenas nesta região, era destinado para um suposto auxílio ao Estado afegão no combate aos seus próprios inimigos em guerra. (STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE, 2021)

Desta forma o governo norte americano também tentava justificar a interferência em território afegão, a partir de um discurso ocidentalizado de necessidade de suporte por parte da maior potência militar do mundo, mas que, foi também utilizado para direcionar as atividades militares contra seus próprios rivais. Esses que foram claramente definidos a partir da implementação do contraterrorismo em 2001, dando início a grande perseguição a organização afegã Al-Qaeda, e com isso, o aumento no orçamento e nos esforços de atividades militares no Afeganistão, que será explorada no próximo capítulo da pesquisa.

### **3. A GUERRA AO TERROR E A SOBREVIVÊNCIA DA AL QAEDA APÓS 2001**

#### **3.1 11 DE SETEMBRO DE 2001: OBJETIVOS, PLANEJAMENTO E REAÇÕES**

A partir da clara definição dos objetivos da Al-Qaeda, os ataques feitos pelo grupo começaram a se tornar mais frequentes. O marco histórico, também escolhido como marco de data para análise da pesquisa, foi em 11 de setembro de 2001.

O acontecimento fica marcado historicamente por datar a primeira vez em que os Estados Unidos foram alvo de ataque em território nacional. O país que havia passado pelas duas Grandes Guerras sem ataques em solo norte americano, presenciou um ataque repentino por uma organização militarmente pequena, executado com sucesso e sem precedentes de movimentações das forças norte americanas de possíveis prevenções ao acontecimento.

A escolha dos Estados Unidos como alvo de ataque pela Al-Qaeda segue de forma clara a lógica da organização em primeira instância no antiocidentalismo em resposta a anos de opressão e imposição bélica, econômica e política em regiões do Oriente Médio, e em segunda instância, no objetivo definido desde a criação da Al-Qaeda na instauração de uma rede jihadista global, que para seu cumprimento, precisava-se da retirada de atores que impossibilitariam o cumprimento de tal objetivo – esses atores que estiveram presente na história do Oriente Médio resgatando a imposição de uma civilização, em outra.

Ao encontro da construção da lógica da atual pesquisa, Michael W. S. Ryan sustenta a racionalidade da organização perante a perseguição contra os Estados Unidos. Para os dirigentes do grupo, além de serem o Estado obstáculo para seus objetivos, acreditavam que o exército soviético era belicamente mais poderoso em relação ao norte americano, logo, após o embate das guerrilhas árabes contra União Soviética, o suposto poder militar dos Estados Unidos não seria um impedimento para que o grupo concentrasse seus ataques ao considerado como exército mais poderoso do mundo. (RYAN, 2017)

A operação militar realizada pelo grupo afegão também mostra, em análise minuciosa, a presença da lógica própria da organização e o cumprimento de seus objetivos estabelecidos pelos seus líderes, Bin Laden e Al Zawahiri. O ataque programado para três pontos específicos em território norte americano – no complexo do World Trade Center, centro financeiro da cidade de Nova York; no Pentágono, prédio que sediava o Departamento de Defesa dos Estados Unidos; e em Capitólio, centro legislativo dos Estados Unidos, mas que não foi atingido – representava o ataque direto em três bases da nação norte americana: a economia, a defesa e o legislativo.

Não obstante, o ataque feito com a utilização de próprios aviões de linhas comerciais de companhias norte americanas representava uma interferência e ataque ainda maior na segurança nacional, dado que um pequeno grupo insurgente foi capaz de interceptar voos nacionais para servirem de ataque no próprio solo norte americano. A dimensão do acontecimento, além da forma a qual foi executada dá como efeito imediato

para o governo norte americano e sua população civil, um sentimento de desespero e vulnerabilidade pela primeira vez na história.

É no momento logo após o ataque de setembro de 2001 que o governo norte americano, governado por George W. Bush, inicia seus esforços para travar uma nova guerra: a Guerra ao Terror. Neste empenho, o governo dos Estados Unidos divulga em 2002 um novo documento nomeado como *National Security Strategy of the United States (NSS)*, cujo objetivo era esclarecer as novas estratégias para perseguição de terroristas e principalmente, da Al-Qaeda.

Antes mesmo do lançamento do documento produzido pelo governo, Bush inicia o movimento de criação de um discurso ocidentalizado na finalidade de justificar e legitimar as próximas ações de suas políticas. De forma que é colocado pelo autor Lucas Amaral Batista Leite, tem-se o discurso como construção da realidade, isto é, a criação de um embasamento e sustentação da ideia de que os Estados Unidos agiriam por prevenção à possíveis ameaças ao mundo – o terrorismo – e não somente, cumpriria seu suposto papel de propagar seus ideais democráticos. (LEITE, 2009)

“A apenas três dias desses eventos, os americanos ainda não têm a distância da história. Mas nossa responsabilidade com a história já está clara: responder a esses ataques e livrar o mundo do mal. A guerra foi travada contra nós por meio de furtividade, engano e assassinato. Esta nação é pacífica, mas feroz quando agitada pela raiva. O conflito começou no momento e nos termos de outros. Terminará da maneira e na hora que escolhermos.”

(BUSH, 2001, tradução nossa)

Nos anos seguintes após 2001, em meio a perseguição norte americana contra a Al-Qaeda na tentativa de captura de seus membros, alguns estudiosos como Brian Michael Jenkins acreditavam em uma recessão da organização, pela falta de ataques significantes. (JENKINS, 2011)

Contudo, por análise da pesquisa e de gráficos construídos pela professora Mariana Bernussi a partir de dados do Database, a quantidade total de atentados terroristas por ano, após 2001, não demonstra uma recessão – ao desencontro das expectativas do governo norte americano. Nos anos 2000, se contava cerca de 1800 ataques terroristas no ano, esse número é quase dobrado em 2007, as estatísticas mostram um aumento não contínuo de ataques dessa natureza. (BERNUSSI, 2020; DATABASE, 2019)

Em comparativo ao documento de 2002 analisado anteriormente, o mesmo documento, *National Security Strategy (NSS)* de 2010, formulado e divulgado pelos

Estados Unidos durante o governo Obama, é perceptível que a destruição da Al-Qaeda ainda era uma preocupação e um objetivo claramente estabelecido pelo governo norte americano. O documento anual, recebe um capítulo exclusivo para o tema de desmantelamento da Al-Qaeda e filiados extremistas no Afeganistão e Paquistão, no qual reafirma a campanha global contra o grupo afegão, evidenciando a falha das políticas instauradas desde 2001, dado que após quase uma década os objetivos se permanecem os mesmos. (CASA BRANCA DE WASHINGTON, 2010)

As políticas determinadas pelo governo dos Estados Unidos no ano referido abrangiam assecuração de armas, negação de refúgio para possíveis membros da Al-Qaeda e parcerias com comunidades muçulmanas no objetivo de desenvolvê-las no combate a atuação de grupos extremistas, além da atuação contínua com a Força Internacional de Assistência de Segurança do Afeganistão (ISAF) no empenho de controle do próprio território afegão na intenção de moldar as ações e políticas afegãs pelos interesses norte americanos. Observa-se então, a continuidade também do discurso ocidentalizado do governo dos Estados Unidos, nas contínuas intervenções em Estados nacionais com a justificativa em tom de salvação e cumprimento de dever ao combater o inimigo estabelecido por eles mesmos.

Desde 2001, o contraterrorismo ocupa um importante lugar na agenda política norte americana, assim como seu financiamento que resulta em um montante de quase 8 trilhões de dólares de 2001 a 2020, destinados ao combate ao terrorismo, segundo a Brown University, universidade norte americana. (BROWN UNIVERSITY, 2020)

A contestação do gasto financeiro dos Estados Unidos no combate ao terrorista e perseguição da Al-Qaeda da atual tese questiona principalmente a lógica e a viabilidade das estratégias implementadas pelo governo Bush em 2001, e reformuladas, porém mantidas, no governo de Barack Obama a partir de 2009. O gasto exorbitante poderia ser justificado com resultados claros no objetivo político, entretanto, dados apresentados e a contínua presença de grupos como a Al-Qaeda, hoje, validam o questionamento da lógica de tais esforços financeiros do governo norte americano.

Ao desencontro dos resultados esperados por parte do governo norte americano a partir da implementação de novas políticas antiterroristas, o número de grupos extremistas de inspiração islâmica que praticam o terrorismo, segundo as considerações dos governos ocidentais, cresceu em quantidades significativas. Nos anos 2000, considerava-se a existência de vinte e nove organizações terroristas estrangeiras, esse

número sobre para cinquenta e oito após quinze anos da mesma análise. (THRALL e GOEPNER, 2017)

O encontro de dados do investimento feito pelo governo dos Estados Unidos durante esses quinze anos de análise após o ataque realizado pela Al-Qaeda, com a quantidade de grupos terroristas existentes - que tampouco foi freada pelas políticas norte americanas - põe em questionamento a eficácia das estratégias adotadas no combate dessa forma de violência.

Em segunda instância, os gastos dos Estados Unidos no contraterrorismo não foram capazes de frear ou impedir as atividades dos grupos terroristas. No ano de 2014, por exemplo, houve um ápice de mais de 16 mil atentados terroristas no ano. (BERNUSSI, 2020)

O aumento quantitativo de ataques considerados terroristas no cenário internacional pode ser entendido como um reflexo do poder de influência da ideologia da Al-Qaeda após o acontecimento de 11 de setembro de 2001, dado que a data também marca uma grande expansão de atividades violentas pela inspiração e aglomeração de pequenos grupos revolucionários, em conjunto com a ideologia do grupo afegão. Se traduz que, a falha no objetivo em frear as atividades terroristas, bem como a atuação e vivência da Al-Qaeda representa também, uma falha nas políticas adotadas pelo governo norte americano após 2001 de combate ao terrorismo.

Ainda assim, o expansivo e grandioso financiamento norte americano tentativa de destruição dos inimigos terroristas se mostra como ilógico, ao analisar tamanho esforço para resultados distantes do desejado inicialmente.

### 3.2 MUDANÇAS ESTRUTURAIS E A SOBREVIVÊNCIA DA AL-QAEDA APÓS 11 DE SETEMBRO DE 2001

Pela análise da tese do autor Bruce Hoffman, em convergência com a tese da presente pesquisa, a Al-Qaeda se fortalece enquanto ideologia. Mesmo havendo certa estabilidade em quantidades de ataques radicalizados de grande impacto como foi o 11 de setembro, seu poder se molda no fortalecimento do ideal salafista revolucionário, que acaba por inspirar demais grupos e indivíduos a dar continuidade a movimentos similares aos iniciados por Osama Bin Laden. (HOFFMAN, 2004)

O grupo começa a sentir necessidade de adaptação para sobrevivência um mês após o ataque em setembro, quando se iniciam operações militares norte americanas,

autorizadas pela ONU, que posteriormente, desencadeou o crescimento da rede jihadista global composta por grupos e indivíduos mais independentes do que a antiga estrutura hierarquizada do grupo islâmico - que ainda será detalhado na pesquisa. (MEDERO, 2009)

Em meio à violentas e contínuas tentativas de dissuasão da Al-Qaeda por parte dos Estados Unidos, a organização se descentraliza, passando a ser composta por vários núcleos autônomos de operação, com alto nível de adaptação e flexibilidade e uma rede estrutural independente de um único centro, dificultando ainda mais sua destruição. A estratégia de descentralizar as células do grupo e desconectá-las do alto escalão de liderança era uma forma de impedir possíveis descobertas nas investigações comandadas pelos Estados Unidos, já que a descoberta de alguns núcleos ou membros não comprometeriam os demais. (MEDERO, 2009)

No que tange a estrutura organizacional da Al-Qaeda, o grupo promoveu uma drástica mudança do antigo modelo hierárquico constituído por castas, após a determinação da Guerra ao Terror no final de 2001. Data em que, o governo norte americano dá início as operações militares, com autorização e apoio da Organização das Nações Unidas (ONU), estimulando a entidade liderada até então por Osama Bin Laden, a se adaptar ao novo contexto mundial de perseguição e combate ao terrorismo. (MEDERO, 2009)

A principal característica da mudança estrutural do grupo é a descentralização do antigo modelo rígido e hierárquico, o qual dividia a organização em níveis de poder, autonomia e decisão. Entretanto, tal descentralização não significou a perda de poder unitário da Al-Qaeda – em contrapartida, foi uma forma que, propositalmente ou não, impulsionou o crescimento de uma rede jihadista revolucionária global, composta por grupos mais independentes orientados por uma ideologia em comum, e a defesa conjunta de um sentimento pan-islamista e antiocidental. (MEDERO, 2009)

A forma organizacional da entidade que antes era claramente dividida entre três grupos, sendo eles, o mais alto escalão com líderes e dirigentes da Al-Qaeda, seguido pelo grupo de comitês que auxiliavam nas decisões e o grupo militar de guerrilheiros operacionais, e por fim indivíduos e grupos autônomos que atuavam em cooperação com a Al-Qaeda; passa por uma grande perda de força central da liderança que até então ditava os rumos da organização. Essa força dirigente se espalha, dando mais autonomia a cada um dos núcleos que ainda compunham a Al-Qaeda. A morte de Osama Bin Laden serviu

como grande fator para tal descentralização, pela perda da figura religiosa e política que chefiava a organização desde sua criação. (MEDERO, 2009)

A estrutura organizacional da Al-Qaeda após 11 de setembro de 2001 pode ser caracterizada principalmente pela centralidade ideológica, que ainda partia do núcleo de liderança do grupo, sendo a ideologia o principal fator de união entre os núcleos. Porém, os demais núcleos passam a operar englobando as estratégias da liderança, mas não a partir dos comandos vindos do alto escalão. A autonomia parcial conquistada pelos núcleos operacionais do grupo não exigia um contato contínuo com os líderes – ao contrário do que ocorria na estrutura anterior da organização.

Os comitês que anteriormente auxiliavam na governança do grupo, deixaram de existir, em detrimento de uma maior flexibilidade dentro da entidade e uma relação mais horizontal entre os membros. Ao passo que a Al-Qaeda se transformava em resposta aos empenhos militares e econômicos norte americanos na caça aos membros do grupo afegão, formaram-se três subsistemas dentro da organização:

O primeiro deles era composto pelos membros da antiga liderança, sobreviventes após perseguições norte americanas, ainda possuíam cargos de maior relevância na governança da organização, porém se perde o ideal que existia de uma liderança rígida que havia com a liderança de Osama Bin Laden. O segundo subsistema é composto por núcleos que operavam à serviço da Al-Qaeda desde antes de 11 de setembro, são células treinadas e especializadas para atuar a qualquer momento em diferentes localidades, esse subsistema tem ligação direta com o Comitê de Atentados, uma vez que recebe comandos e tem a autonomia para atuar quando necessário. Por fim, o terceiro subsistema é composto por indivíduos que não possuem vínculo direto com o grupo terrorista, porém possuem capacidade, treinamento e disponibilidade para atuar em apoio ao grupo caso necessário. Esses membros possuem recursos limitados de armamentos e recursos, mas cumprem o papel de reforço em caso de demanda. Esse terceiro subsistema possui uma comunicação e interação ainda menor com o primeiro subsistema. (MEDERO, 2009)

A relação e comunicação entre membros e líderes são fatores relevantes para a análise dessa mudança estrutural do grupo. A partir de 2001 cresce a preocupação por parte dos membros da Al-Qaeda em se manterem em sigilo, sem comprometimento com os demais membros do grupo, principalmente com os líderes que estavam em constante perseguição pelo governo norte americano. Dessa forma, o afastamento e sigilo dos líderes com demais membros do grupo era uma forma de protegê-los e evitar seu rastreamento em meio a caça das forças militares norte americanas. (MEDERO, 2009)

O grupo afegão após as movimentações de adaptação ao contraterrorismo norte americano, conta com uma estrutura descentralizada e estrategicamente preparada para resistir a supostas descobertas por parte do governo dos Estados Unidos. Como resultado, acaba por se tornar um grupo mais forte enquanto ideologia e de mais difícil destruição pelos financiadores do contraterrorismo.

A mudança de perfil da Al-Qaeda, que se torna fonte de inspiração em movimentos islâmicos radicais, pode ser vista como positiva por autores como Sánchez Medero, ao afirmar que tal adaptação foi a causa e justificativa da sobrevivência do grupo até os tempos atuais. A tese do autor converge com a tese da atual pesquisa, no entendimento de que a resistência do grupo islâmico só foi possível a partir de uma série de adaptações estruturais e comportamentais, que serão mais bem detalhadas neste do capítulo, impulsionadas e moldadas em detrimento da necessidade de fuga dos membros e combate ao contraterrorismo aplicado pelos Estados Unidos após 2001. (MEDERO, 2009)

É o caso da organização presente na Somália, Al Shabaad que prometeu fidelidade a Al-Qaeda em 2012 e a AQAP – núcleo da Al-Qaeda instaurado na Península Arábica. O alto nível de influência conquistado pelo grupo pode ser visto como positivo, dentro de seus objetivos de sobrevivência, uma vez que operariam em diferentes localidades com mais facilidade, além de manter viva a ideologia antiocidental com estratégias revolucionárias estabelecidas por Osama Bin Laden. (CUNHA, 2020)

O crescimento da rede jihadista global após 2001, a partir da influência da Al-Qaeda em grupos menores e de diferentes localidades, fica mais evidente com a análise de organizações que passaram a atuar em conjunto com a Al-Qaeda, como a Al Shabaad. Pela tese desenvolvida pelo autor Seliz Bilgi, o grupo afegão passa a ser uma organização de franquia, com filiais espalhadas pelo mundo todo, ao se considerar diversos grupos de mesmo cunho ideológico que assumiram fidelidade aos objetivos e comandos da Al-Qaeda. (BILGI, 2015)

Novas estratégias determinadas pelo grupo insurgente contribuíram para o alcance global que hoje possui, o grupo também iniciou táticas de formação de professores em fabricação de bombas e especialistas no comércio terroristas, para envio de profissionais para o Ocidente. Nestes casos, o objetivo era disseminar os conhecimentos e permitir que ataques de mesma natureza do grupo fossem realizadas por demais instituições, a fim de enfraquecer o sistema e as políticas antiterroristas norte americanas. (BILGI, 2015)

Em resumo, uma das questões principais no êxito de sobrevivência da Al-Qaeda até hoje é sua descentralização, impulsionada pelas políticas norte americanas na tentativa de extinção do grupo, ao contrário da sua antiga forma de organização, núcleos independentes do grupo são estrategicamente montados para em caso de descoberta ou destruição de uma unidade, não implica na destruição dos demais – tornando a tarefa de extinção do grupo muito mais difícil.

Ao encontro do tema central da presente pesquisa, o sucesso na sobrevivência do grupo revolucionário comprova a falha no êxito no objetivo norte americano, implementado como política pública desde 2001, de destruição da organização em si como forma para o fim do terrorismo. Hoje, após mais de duas décadas do decreto da Guerra ao Terror, os Estados Unidos não foram capazes de atingir seu objetivo inicial de destruição do grupo afegão e de fim as atividades terroristas, não obstante, podemos considerar que as práticas contraterroristas adotadas pelo governo ainda foram fatores contribuintes para que a Al-Qaeda se reestruturasse no cenário internacional de perseguição, e de rápida adaptação para novos meios de atividades de mesma natureza.

#### **4. CONCLUSÃO**

A presença ocidental, e mais especificamente dos Estados Unidos no Oriente Médio se apresenta historicamente como uma forma contínua de manutenção de poder e influência na região. Desde a Guerra do Afeganistão em 1979, parte da civilização afegã se revolta com tal presença norte americana no território, criando bases para um sentimento de revolta contra anos de opressão, interferência militar e caos na sociedade e na cultura, como o caso dos Mujahedins. Neste contexto atuava Osama Bin Laden que, ao se aliar com Ayman al-Zawahiri funda a Al Qaeda como. Grupo revolucionário com objetivos claros de expansão de uma rede jihadista global, em combate e reivindicações a ações como as norte americanas praticadas por anos consecutivos.

É neste contexto, após alguns anos que o 11 de setembro acontece e além de marcar a revolta jihadista revolucionária, o início dos esforços norte americanos em combate a este grupo e a essa forma de violência.

Após anos, pela análise dos dados expostos na presente pesquisa e na observação da continuidade da Al-Qaeda enquanto grupo e na manutenção de suas atividades, mesmo que adaptadas, o resultado de falha das políticas contraterroristas dos Estados Unidos

coloca em questionamento a validade e lógica das políticas contraterroristas estruturadas e mantidas desde 2001.

Além da construção de um ideológico de salvação do Oriente Médio com interferências contínuas em territórios alheios, o gasto destinado a Guerra ao Terror, que se soma em 8 trilhões de dólares de 2001 a 2020 destinados ao mesmo objetivo de destruição do terrorismo e da Al-Qaeda, aparentam como duvidosos no cumprimento da determinada meta.

A sobrevivência da Al-Qaeda aparece como fato pelos estudos da presente pesquisa, e não obstante, ainda demonstra um crescimento global de atividades consideradas terroristas e de grupos violentos inspirados na ideologia e nas ações do grupo afegão. A transformação interna na estrutura e nas atividades do grupo insurgente estudado aparece como principal fator no êxito de sobrevivência, mesmo em meio a uma mobilidade internacional de destruição do grupo.

Em adição, a ideologia da Al-Qaeda se mostra como principal pilar para manutenção da organização, mesmo após a morte do antigo líder, e conservação de um grupo com objetivos bem definidos e presença de membros que fortalecem a unidade.

Nesse contexto, a presente pesquisa cumpre o objetivo em mapear as transformações do grupo, comprovando sua sobrevivência, e questionando os esforços e gastos norte americanos em uma guerra sem fim.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNUSSI, Mariana Medeiros. **O combate ao financiamento internacional do terrorismo: regulação financeira e institucionalidade global**. 2020. Acesso em: 12 de junho de 2022.

BILGI, Şeniz. **An Analysis of the New Al-Qaeda: Tactis, threats and the intel challenges ahead**. 2015. Acesso em: 4 de novembro de 2022.

BROWN UNIVERSITY. **Costs of War**. 2020. Acesso em: 12 de junho de 2022.

CASA BRANCA DE WASHINGTON. **National Security Strategy**. 2002. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/nsc/nss/2002/>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

CASA BRANCA DE WASHINGTON. **National Security Strategy**. 2010. Disponível em:

[https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/rss\\_viewer/national\\_security\\_strategy.pdf](https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/rss_viewer/national_security_strategy.pdf) . Acesso em: 4 de novembro de 2022.

COSTA, Frederico Carlos de Sá. WUNDER, Rodrigo Setubal. **Guerra ao terror: aspectos ideológicos do contraterrorismo**. 2011. Acesso em: 22 de maio de 2022.

CUNHA, Ana Paula Gonçalves. **A invasão russa no Afeganistão (1979-1989): os impactos do conflito na histórica afegã**. Acesso em: 9 de novembro de 2022.

DATABASE. **Global Terrorism**. 2019. Acesso em: 12 de junho de 2022.

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **2004 Releases – Country Reports on Terrorism**. Chapter 4, Chapter 5A, Chapter 5B, Chapter 6. 2004. Disponível em: <https://2009-2017.state.gov/j/ct/rls/crt/c14818.htm> . Acesso em: 12 de junho de 2022.

HOFFMAN, Bruce. **The Changing Face of Al Qaeda and the Global War on Terrorism**. 2004. Acesso em: 22 de maio de 2022.

JENKINS, Brian Michael. **Al Qaeda after Bin Laden – Implications for American Strategy**. 2011. Acesso em: 22 de maio de 2022.

LEITE, Lucas Amaral Batista. **George W. Bush e a construção do inimigo na guerra ao terror**. 2009. Acesso em: 22 de outubro de 2022.

MEDERO, Gema Sánchez. **La organización de Al Qaeda: antes y después del 11-S de una estructura jerarquizada a una em red**. 2009. Acesso em: 12 de junho de 2022.

REINARES, Fernando. **¿ Como quedan al-Qaeda y el terrorismo global?**. 2011. Acesso em 22 de maio de 2022.

RYAN, Michael W. S. **Decoding Al Qaeda's Strategy: The Deep Battle Against America**. Chapter 1. 2017. Acesso em: 22 de outubro de 2022.

STAMPNITZKY, Lisa. **Disciplining Terror: How Experts Invented "Terrorism"**. 2013. Acesso em: 22 de outubro de 2022.

THRALL, A. Trevor, GOEPNER, Erik. **Lessons for U.S. Foreign Policy from the Failed War on Terror**. 2017. Acesso em: 15 de maio de 2022.

TIAN, Nan. 20 Years of US Military Aid to Afghanistan. 2021. Disponível em: <https://www.sipri.org/commentary/topical-background/2021/20-years-us-military-aid-afghanistan>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.